

Bruno
Quando não pôde mais ignorar minha presença, ele passou às ameaças práticas à minha vida. Não quero descer a detalhes. O certo é que, enquanto me achava flutuando no líquido amniótico, perigosas aventuras me ameaçavam, como a Sinbad, o Marujo. Tentou me eliminar com medicamentos e armas perfurantes, inclusive com a ajuda de um cúmplice da faculdade de medicina. Mas minha mãe veio em meu auxílio; ela queria ter-me e isto me salvou.

Segundo a versão de meu irmão, meu nascimento foi o meio de que minha mãe se valeu para dominar o velho... o que é perfeitamente possível, mas não passa do lado prático de um afeto elementar. Como mãe, queria ter-me; como pessoa, podia muito bem pensar nas vantagens da situação.

Estamos diante de um comportamento que deve ser analisado sob diversas perspectivas. Que eu possa fazê-lo é coisa que devo não só a Vigo como a Bruno, meu professor de filosofia.

Lembro-me de um curso em que ele dissertou sobre o tempo e o espaço sob seus aspectos míticos. Segundo Bruno, o pai encarna o tempo e a mãe o espaço... cosmicamente, ele é o céu, ela as estrelas; teluricamente, ele a água, ela a terra; ele cria e destrói, ela concebe e conserva. No tempo há uma inquietude inextinguível, cada instante destrói o precedente. Os antigos o representaram na figura de Crono, devorador de seus filhos.

Como titã, o pai devora o rebento; como deus, o sacrifica. Como rei, o consome nas guerras que trama. O deus e o mito, a história e a teologia proporcionam todos os exemplos desejáveis. Os mortos não voltam ao pai, mas à mãe.

Bruno distinguia também entre a cremação e a inumação. Não sei se o citei bem. Creio recordar que, de acordo com ele, a água é mais própria da mãe. Os cristãos a identificam com o Espírito. São problemas de coordenação, que provocaram guerras intermináveis. Cirilo considerava a água o mais importante dos quatro elementos e a matéria das grandes transformações. Assim parecem confirmá-lo, *ex negativo*, as viagens espaciais.

Os familiarizados com os mitos sabem que a enorme magnitude do mar é simples aparência. Esta idéia está fora do alcance dos habitantes de Eumeswil, habituados há muitas gerações a só pensarem em magnitudes quantitativas. Li nas anotações de um peregrino russo que o gole de água que, no côncavo da mão, damos a um sedento é maior que os sete mares. O mesmo acontece com o líquido amniótico. Em muitas línguas, mar e mãe têm similitude fonética.

De qualquer maneira, quero crer que, quando meu pai me deitava suas armadilhas, só estava fazendo o que era de esperar. E, como anarca, tenho de reconhecer que defendia seus direitos. Só que os direitos são recíprocos.

Pulula entre nós uma quantidade infinita de filhos que assim escaparam de seus pais. Geralmente o fato não vem à luz. O complexo de Édipo permanece reduzido a desavenças de nível individual. A perda do respeito é inevitável, porém dá-se um jeito para conviver.

O que mais me incomoda não é minha pré-his-